



TRABALHO, LAZER E TECNOLOGIA: NOTAS ACERCA DA PRODUÇÃO ACADÊMICA SOBRE LAZER (1989-1999)¹

Work, leisure and technology: notes on brazilian academic production about the leisure (1989-1999)

GUIMARÃES, Ailton Vitor²

RESUMO

O objetivo deste estudo foi ampliar a análise das abordagens de trabalho, lazer e tecnologia no âmbito da produção acadêmica sobre o lazer, de 1989 a 1999. Do tipo estado da arte, tem como princípio fundamental de pesquisa a dialética materialista, expresso no caráter dinâmico, social e histórico da ação humana. As fontes de pesquisa são fóruns de debate, periódicos e repositórios institucionais, contando artigos, resumos, resenhas e trabalhos em anais e coletâneas de eventos científicos, cujos textos se referissem ao lazer e abordassem ainda trabalho e tecnologia. A busca nessas fontes resultou na seleção de 33 textos de 21 autoras e autores, cujos estudos apontaram para abordagens do lazer (i) na perspectiva do lúdico e da vivência da cultura, (ii) como mercadoria de consumo e (iii) na perspectiva do tempo de não-trabalho. O trabalho é discutido de forma mais generalizada e não fica claro o trato da categoria em si, procurando-se caracterizá-lo no seio da atual formação social capitalista. É abordado ou a partir de perspectivas marxianas, especialmente n'A *maquinaria e a indústria moderna*, de passagem, como *categoria sociológica chave* ou como a "nova cultura" do trabalho e seus impactos com os avanços tecnológicos e as exigências de um trabalhador multifuncional. Aponta-se para certo trabalho fragmentado, alienado do trabalhador, mas não delimitado, de fato, como categoria discutida no interior da produção na qual o lazer encontra-se em oposição, exatamente, ao trabalho.

Palavras-chave: Trabalho. Lazer. Tecnologia.

ABSTRACT

The aim of this study was to expand the analysis of approaches to work, leisure and technology within the scope of academic production on leisure, from 1989 to 1999. This is a state-of-the-art study whose fundamental research principle is materialist dialectics, expressed in the dynamic, social and historical nature of human action. The research sources are debate forums, journals and institutional repositories, including articles, abstracts, reviews and papers in annals and collections of scientific events, whose texts refer to leisure and also address work and technology. The search in these sources resulted in the selection of 33 texts by 21 authors, whose studies pointed to approaches to leisure (i) in the perspective of the ludic and of the experience of culture, (ii) as a consumer product and (iii) in the perspective of non-working time. Work is discussed in a more generalized way and it is not clear how the category itself is dealt with, seeking to characterize it within the current capitalist social formation. It is approached either from Marxian perspectives, especially in *The Machinery and Modern Industry*, in passing, as a key sociological category or as the "new culture" of work and its impacts with technological advances and the demands of multifunctional worker. It points to a certain fragmented work, alienated from the worker, but not really delimited as a category discussed within production in which leisure is in opposition to work.

Keywords: Work. Leisure. Technology.

¹ Os resultados de pesquisa aqui expostos constituem parte de pesquisa realizada em estágio de pós-doutoramento junto à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, no período de setembro de 2023 a agosto de 2024, sob supervisão da Prof.^a Dr.^a Selma Borghi Venco. E-mail: svenco@unicamp.br.

² Doutor em Educação pelo Programa de Pós-Graduação em Educação: Conhecimento e Inclusão Social, da FaE/UFMG; Mestre em Tecnologia/Educação Tecnológica pelo CEFET-MG; Especialista em Lazer e Licenciatura Plena em Educação Física, ambos pela UFMG. Professor da Carreira de Ensino Básico, Técnico e Tecnológico (EBTT) do CEFET-MG. Líder do Grupo de Pesquisa em Teoria e Metodologia do Ensino Tecnológico (PETMET). E-mail: vitor.guimaraes@cefetmg.br.

Parte da pesquisa realizada no estágio de pós-doutoramento junto à Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas, de set.2023 a ago.2024, este estudo teve como objetivo ampliar a análise das abordagens de trabalho, lazer e tecnologia no âmbito da produção acadêmica sobre o lazer, no período 1989-1999. Integra uma pesquisa mais ampla, cujo objetivo é ampliar a análise e identificação das relações entre trabalho, educação, lazer e tecnologia no âmbito da produção acadêmica em língua portuguesa sobre o lazer, levando em conta as possíveis relações estabelecidas em processos educacionais, particularmente aqueles que têm lugar nos cursos técnicos de nível médio ofertados em escolas de Educação Profissional e Tecnológica (EPT) no Brasil e em cursos equivalentes de outros países de língua portuguesa.

DELINEAMENTO METODOLÓGICO

Leva-se em conta que a dialética materialista como princípio fundamental de pesquisa que, superando certo reducionismo cientificista de algumas leituras da obra marxiana, configura-se como “[...] uma lógica mais potente que o procedimento formal do pensamento”, superando em muito o que aquele reducionismo poderia supor sem avançar e, “[...] enfrentando as concepções idealistas e a concepção materialista metafísica do mundo, afirma o papel da ação criadora do homem na construção de si mesmo e na transformação dos aspectos morais e espirituais do meio em que vive” (Oliveira, M. 2000, p.41-43).

No processo dinâmico a partir do qual o conhecimento é construído e reconstruído na prática diária da pesquisa, leva-se em conta os pressupostos da *concreticidade* e da *noção de ser humano* no contexto pesquisado, que envolve uma dada *visão de mundo*, “[...] entendida como uma percepção organizada da realidade”, além do pressuposto da *totalidade*, como horizonte de compreensão (Gamboa, 2002, p.101-107). Além deles, inclui-se aí a *contradição* como outro pressuposto que, uma vez ausente, não permite, “[...] sem conflito, a começar pela relação do ser social com a natureza através do trabalho”, a existência de produção (Lefebvre, 1979, p.19-21).

Sua potência manifesta-se no sentido de que, ao se perceber a *totalidade* sem contradições e estas fora daquela, aponta-se para algo vazio, inerte, demasiado formal e arbitrário. O problema aqui “[...] não consiste em reconhecer a prioridade” de uma ou de outra, “[...] precisamente porque tal separação elimina tanto a totalidade quanto as contradições de caráter dialético” (Kosik, 2002, p.60). E esta “[...] ‘dialética’ é um atributo da realidade e não do pensamento” (Frigotto, 2002, p.79).

Isso nos leva ao que significa o que vive e produz ao longo dos dias o ser humano. O que se mostra nas suas ações ganha a devida consistência na “essência e universalidade” de sua *praxis*, “[...] como ser ontocriativo, como ser que *cria* a realidade (humano-social) e que, *portanto*, compreende a realidade (humana e não-humana, a realidade na sua totalidade)” (Kosik, 2002, p.222).

FONTES, EIXO, RECORTES E MOVIMENTOS DE PESQUISA

As fontes indicadas aqui têm como eixo pesquisa bibliográfica articulada em torno do estado da arte da produção acadêmica sobre o lazer no Brasil.

Pesquisas do tipo estado da arte significam certa “[...] contribuição importante na constituição do campo teórico de uma área de conhecimento”, já que se procura com elas “[...] identificar os aportes significativos da construção da teoria e prática pedagógica, apontar as restrições sobre o campo em que se move” e apontar alternativas de solução (Romanowsky; Ens, 2006, p. 39-41).

Para além disso, a multiplicidade de pesquisas e pluralidades nos enfoques de uma determinada área,

[...] não trarão colaboração realmente efetiva enquanto não se tentar uma articulação das análises provenientes de outras áreas de conhecimento [...] Um primeiro e indispensável passo nesse sentido é a revisão dessas perspectivas, análises e estudos (Soares, 1989, p.3).

Daí que pesquisas do tipo, na trilha de identificar lacunas e determinados vieses de análise e/ou abordagem, implicam numa compreensão do estado de conhecimento.

Levou-se em conta, nesse período (1989-1999),³ o início de dois principais encontros e fóruns anuais sobre lazer: Encontro Nacional de Recreação e Lazer (Enarel), desde 1989; e Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física (ENHELEF), desde 1993. Articulado e isso, a consolidação e a sistematização do lazer como campo específico de pesquisa — é a partir da década de 1980 que se observa uma nova orientação em relação aos estudos do lazer no país (Marcassa, 2002, p.6) e que permitem avançar no que se pode considerar como tal.⁴

Nesse recorte foram consideradas as seguintes fontes: **(i)** coletâneas e anais relacionadas ao Enarel,⁵ ao ENHELEF⁶ e ao Congresso Mundial do Lazer⁷; **(iii)** periódicos Licere (1998)⁸, Motrivivência (1988)⁹, Motriz (1995)¹⁰, Motus Corporis (1994)¹¹, Movimento (1994)¹², Revista Mineira de Educação Física (1993)¹³ e Revista Paulista de Educação Física (1986)¹⁴; **(iv)** Colégio Brasileiro de Ciências do Esporte (CBCE)¹⁵; **(iv)** Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação (Anped)¹⁶; **(v)** bibliotecas da Faculdade de Educação (FaE) e da EEEFTO/UFMG e os acervos em repositórios institucionais da Universidade Estadual de Campinas (Unicamp)¹⁷.

Uma primeira etapa de busca dos títulos relacionados à “educação física” resultou em 3815 títulos; uma segunda etapa com o descritor “lazer” resultou em 1079 textos; e uma terceira com

³ Parte do estudo apresentado pode ser encontrada em Guimarães (2001). Em relação à pesquisa mais ampla informada no início, nos outros dois recortes temporais, 2000-2013 e 2014-2024, a serem processados, foram selecionados, respectivamente, 55 e 88, total de 143 artigos para análise.

⁴ Até o início da década de 1980, publicaram-se estudos de caráter mais funcional, na linha do *Manual de recreação* (Sussekind; Marinho; Góes, 1952). Anos depois, publicou-se *O lazer operário*, (Ferreira, 1958), considerada a primeira obra sobre o lazer no Brasil.

⁵ Cf. Marcellino e Isayama (2014) sobre os 25 anos de história do Enarel.

⁶ Cf. <https://www.fef.unicamp.br/fef/chefef2016>. Acesso em mar.2024.

⁷ Cf. <https://tinyurl.com/5-Congresso-Mundial-Lazer>. Acesso em ago.2024.

⁸ Cf. <https://periodicos.ufmg.br/index.php/licere/issue/archive>. Acesso em ago.2024.

⁹ Cf. <https://periodicos.ufsc.br/index.php/motrivivencia/issue/archive>. Acesso em ago.2024.

¹⁰ Cf. <https://tinyurl.com/Revista-Motriz-Unesp>. Acesso em ago.2024.

¹¹ Cf. <https://proteoria.org/modules/publisher/item.php?itemid=163>. Acesso em ago.2024.

¹² Cf. <https://seer.ufmg.br/index.php/Movimento/issue/archive/2>. Acesso em mar.2024.

¹³ Cf. <https://periodicos.ufv.br/revminef/about>. Acesso em mar.2024.

¹⁴ Cf. <https://www.revistas.usp.br/rpef>. Acesso em mar.2024.

¹⁵ Cf. <http://revista.cbce.org.br/index.php/RBCE/index>. Acesso em ago.2024.

¹⁶ Cf. <https://anped.org.br/reunioes-nacionais/> GTs 04 - Didática, 09 - Trabalho e Educação, 12 - Currículo e 14 - Sociologia da Educação, no período. Acesso em ago.2024.

¹⁷ Cf. <http://www.eeffto.ufmg.br/eeffto/biblioteca/>, <https://www.fae.ufmg.br/biblioteca>, https://www.bu.ufmg.br/bu_atual/ e <https://www.unicamp.br/unicamp/bibliotecas-e-acervos>. Acesso em ago.2024.

descritores “trabalho” e “tecnologia” resultou na seleção de 33 textos de 21 autoras e autores, conforme indicado no Quadro 1.

O LAZER NA PRODUÇÃO BRASILEIRA

Na produção acadêmica brasileira sobre lazer, analisada no período 1989-1999, foram identificadas, inicialmente, três abordagens: (i) *o lazer na perspectiva do lúdico e da vivência da cultura*; (ii) *o lazer como mercadoria de consumo*; e (iii) *o lazer na perspectiva do tempo de não-trabalho*. As três apontam para discussões e análises atualizadas e/ou contextualizadas em relação ao que se pretendeu produzir aqui e ao que, há pouco mais de duas décadas atrás, já se podia antever em relação ao que seriam os enfrentamentos na formação social brasileira, sobrevivente de pelos menos duas tentativas de golpe, de um golpe de fato, de um governo golpista e de outro, resultante deste, de extrema-direita.

Na discussão das abordagens identificadas procura-se apontar aquilo que evidencia as relações com o trabalho e a tecnologia. Parece ser consenso o fato de que trabalho e lazer estariam intimamente relacionados, não sendo possível a abordagem isolada de um ou de outro. Isso se dá, particularmente, no que diz respeito à dimensão do tempo, o que pode ser percebido na maioria dos estudos da produção, já a partir do que expressam seus respectivos títulos.

A tecnologia aparece, em parte, como responsável pelo aumento desse *tempo fora do trabalho*, âmbito no qual estaria situado o lazer e autores e autoras a abordam, articulada ao trabalho e à perspectiva da globalização como fato concreto em curso a ser enfrentado naquele período — e que parece estar materializado e consolidado nesse primeiro quarto de século XXI —, antecipando questões que atravessam as discussões acerca do trabalho digital, da plataformização e uniformização virtual do trabalho humano¹⁸.

O LAZER NA PERSPECTIVA DO LÚDICO E DA VIVÊNCIA DA CULTURA

Na produção analisada, uma das discussões acerca do lazer se dá a partir das suas relações com a cultura e das possibilidades que essas podem proporcionar. Dessa forma,

[...] uma atividade é ou torna-se lazer no contexto de uma cultura [...] o lazer, como toda atividade desenvolvida no interior de uma sociedade, somente pode ser entendido a partir do sentido que recebe no sistema de significações que sustenta toda ordem social (Santin, 1997, p. 39-41).

O que se pode expressar com *vivência da cultura* são as possibilidades de vivência lúdica de conteúdos culturais (relacionados ao lazer ou não), tanto na sua fruição quanto na sua produção, o que envolve o entendimento de que o lúdico não se manifesta de forma exclusiva no âmbito do lazer.

Essas ações centram-se na noção de cultura entendida como um processo no qual homens e mulheres acumulam experiências que são capazes de projetar.

¹⁸ A esse respeito importa conferir em Grohmann (2021), a materialização de entrevistas do autor com pesquisadores e pesquisadoras cujo foco de investigações articulam-se “[...] em torno das conexões entre mundo do trabalho e tecnologias digitais [...]”, a partir das quais são tratadas a partir de cinco temas: “1) organização, extração de valor e inter-seccionalidades no trabalho digital; 2) narrativas do trabalho digital; 3) inteligência artificial e trabalho digital; 4) algoritmos, dados e desigualdades; e 5) organização dos trabalhadores e plataformas alternativas”.

Quadro 1 - Produção acadêmica analisada | 1989-1999*

Autoras(es)	Título Fonte
Almeida Júnior (1997a, 1997b, 1998)	<i>Lazer e cultura em tempos de globalização: inclusões, exclusões e sincretismos</i> IX Enarel (1997a) <i>Lazer no Brasil urbano contemporâneo: influência da globalização</i> X Conbrace (1997b) <i>Políticas públicas de lazer em tempos de globalização: limites e possibilidades</i> V Congresso... (1998)
Bitencourt (1997)	<i>Esporte globalizado e cultura de consumo</i> X Conbrace
Bruhns (1991, 1996, 1997, 1998a, 1998b, 1999)	<i>Reflexões sobre o conhecimento do lazer na perspectiva da dinâmica cultural</i> RBCE (1991) <i>Lazer, trabalho e tempo: uma discussão a partir de Thompson e DeGrazia</i> ENHELEF (1996) <i>Sobre o Ideal clássico de ócio e o lazer contemporâneo</i> ENHELEF (1997) <i>Lazer, cultura e tecnologia: discussões envolvendo aspectos da globalização</i> Licere (1998a) <i>Lazer e tempo: reflexões envolvendo a tecnologia e a globalização</i> V Congresso Mundial... (1998b) <i>Lazer e tempo: buscando compreensões no processo de globalização</i> Licere (1999)
Feres Neto (1996, 1997)	<i>A esportivização do mundo e/ou a industrialização do esporte: suas influências na vivência lúdica com a criança, em especial com o brinquedo</i> Motrivivência (1996) <i>Fundamentos teórico-metodológicos para o estudo da mediação da experiência lúdica pela tecnologia</i> Conbrace (1997)
Finck (1993)	<i>Algumas reflexões sobre o ritmo dos movimentos do homem</i> ENHELEF
Finocchio (1993)	<i>O trabalho e o tempo livre: libertação e humanização</i> ENHELEF
Gariglio (1995)	<i>A ludicidade no "jogo" de relações trabalho/escola</i> Movimento
Gomes [Werneck] (1998)	<i>Lazer e formação profissional na sociedade atual: repensando os limites, os horizontes e os desafios para a área</i> Licere
Inácio (1997, 1999)	<i>Lazer na empresa modernizada: os interesses contemporâneos</i> Conbrace (1997) <i>Esporte: conteúdo dominante no lazer do trabalhador</i> RBCE/Conbrace (1999)
Marin (1995, 1996)	<i>O lazer e a noção de tempo no contexto rural</i> ENHELEF (1995) <i>O jogo e o brinquedo na educação física</i> Motrivivência (1996)
Pacheco (1992)	<i>O lazer nas empresas: onde está o trabalhador?</i> RBCE (1992)
Palafox (1997)	<i>Capitalismo tardio e globalização: implicações do desenvolvimento tecnológico na pós-modernidade e seu impacto na educação física no Brasil</i> X Conbrace
Pires, E. (1997)	<i>Atividade física, lazer e qualidade de vida</i> X Conbrace
Pires, G. (1997)	<i>Globalização, cultura esportiva e educação física: primeiras aproximações</i> X Conbrace
Rosa (1996)	<i>A festa como possibilidade de lazer: a visão de Sebastian de Grazia</i> ENHELEF
Sadi (1999)	<i>Educação física e lazer: a centralidade do trabalho como mediação</i> Conbrace
Santin (1997)	<i>Diversidade cultural no lazer: exclusões e marginalidades</i> IX Enarel
Silva, M. (1997a, 1997b, 1999)	<i>O direito de sonhar das crianças carentes de infância: trabalho ou lazer?</i> IX Enarel (1997) <i>Trabalho e lazer: reflexões introdutórias acerca dos sonhos das crianças brasileiras sem infância</i> <i>Sonhos de criança: trabalho ou lazer</i>
Silva, P. (1997)	<i>Globalização: a nova cultura do trabalho e seus impactos na educação física</i> Motrivivência
Valente (1997)	<i>Lazer: tempo e espaço sociais</i> ENHELEF
Veronez (1995)	<i>Autonomia e heteronomia no controle do tempo: a gênese do tempo de lazer</i> ENHELEF

* Os estudos com respectivos títulos sombreados foram publicados em mais de uma fonte com alguns ajustes redacionais e de referência bibliográfica

Ao realizá-las, discernir entre o que fixar, acolher e/ou descartar, as convertem em ideias, como “[...] imagens e lembranças, a princípio coladas às realidades sensíveis, e depois generalizadas, desse contato inventivo com o mundo natural”. O mundo da cultura seria então constituído de duas realidades de ordens distintas no movimento humano de conquista do meio em que vive, de dominação do mundo “[...] em ato de autoproduzir-se: os *instrumentos*, utilizados no começo em estado natural, e logo a seguir intencionalmente fabricados; e as *ideias*, que surgem no pensamento em correspondência com os resultados da atividade sobre a natureza” (Vieira Pinto, 1969, p. 123).

Como criação do humano, resultante da complexidade crescente das operações e ações que é capaz de executar no trato com a natureza material e da luta a que está condicionado pela sua própria existência, a cultura irá constituir-se como resultado da relação produtiva que as pessoas estabelecem e exercem na realidade em que vivem, na formação social de que participam. Dessa forma, “[...] não pode ser explicada idealisticamente identificando-a a um mundo abstrato de ideias e produtos de arte, nascidas da pura reflexão do espírito” (Vieira Pinto, 1969, p. 121-127).

De todo modo, importa começar de uma *posição diferente* (Williams, 2011, p.358) e ir ao encontro de interpretar e experimentar o que se coloca como material e simbólico nas várias facetas da realidade que se constrói, de forma a reelaborar e refazer as condições de produção da própria existência. A cultura se mostra num determinado *processo produtivo* em produtos de dupla natureza: como *bem de consumo*, “[...] existente em cada momento histórico sob a forma de ideias gerais, de teorias sobre a realidade e de objetos fabricados de acordo com a técnica então conhecida” (Vieira Pinto, 1969, p.124). Seria então nesse processo de produzir, modificar e moldar a própria realidade que os humanos constituem como *cultura fundamental* algo que se materializa no prolongamento e na reflexão do cotidiano. Significa dizer que “[...] a erudição e a tecnologia mais moderna”, por si sós, não tiram ninguém “[...] da barbárie e da opressão. Apenas dão-lhes mais um ‘meio de vida’, isto é, um meio de defesa e ataque na sociedade da concorrência” (Bosi, 1992, p.341-342).

Na produção analisada, o que se defende é que é a partir da produção da cultura e na cultura, onde a realidade materializada do lazer se constitui como espaço privilegiado de vivência de seus conteúdos (ou produtos) culturais, irá se constituir um campo de atividades que possibilitam uma ampliação do universo de manifestações da matriz lúdica da cultura (Almeida Júnior, 1997a, p.611). Esse entendimento expressa, de certa forma, uma síntese das abordagens de Marcellino (1995, 1997) e de Pinto (1992, 1996, 1997), nas quais se defende que o lúdico se manifesta por meio do lazer com “maior possibilidade”.

Em Gomes [Werneck] (1998, p.49), como “prática dialeticamente vinculada ao trabalho”, o lazer é concebido “[...] como uma possibilidade de produção de cultura, um espaço para a vivência lúdica de diferentes conteúdos que pode propiciar a leitura crítica e criativa de nosso contexto”. Nessa perspectiva, o lazer estaria a articular “vivência lúdica” com a “possibilidade de produção de cultura”.

A presença do lúdico como elemento privilegiado na vivência da cultura parece conferir-lhe um caráter de informalidade que, relacionado com o ato de brincar, e nem sempre entendido como algo sério ou útil, facilitaria o exercício da reflexão, seguido das tomadas de decisões e de encaminhamentos novos na solução de questões problemáticas em várias situações diferentes, sem o peso e as dificuldades que normalmente predominam em condições consideradas mais formais. Silva, M. (1999) discute essa questão, ao denunciar a supressão do lazer na infância e a exploração do trabalho infantil, lembrando que o lazer, no senso comum, possui uma conotação de improdutividade e de ócio irresponsável e que o lúdico,

nesse contexto, é reduzido à esfera da não-seriedade e a noção de direito social é algo que vai de encontro a essa ideia, quando se coloca sobre a questão um olhar mais atento e crítico.

Pensar (e materializar) um direito social, particularmente em relação à infância e à juventude, implica no entendimento de que se deve garantir, por parte do Estado, acesso a condições mínimas de sobrevivência. Nestas, o lazer como direito social estaria incluído? Até que ponto o lazer seria suficientemente relevante nesse sentido? Estas duas questões que apontam para o debate acerca da relevância do lazer na vida humana, o que também implica em considerar o estágio de desenvolvimento de uma determinada formação social. Para além (ou aquém) de discuti-las detalhadamente aqui, não basta a simples determinação e/ou criação legal, jurídica do direito social em si, já que descolada da realidade e da materialização de relações sociais que a sustentem, não prospera de fato¹⁹. Os direitos de homens e mulheres (de crianças e jovens),

[...] por mais fundamentais que sejam, são direitos históricos, ou seja, nascidos em certas circunstâncias, caracterizadas por lutas em defesa de novas liberdades contra velhos poderes, e nascidos de modo gradual, não todos de uma vez e nem de uma vez por todas. (Bobbio, 1992, p. 5-19).

Um direito social ou outro seriam colocados em perspectiva, considerando sua importância num determinado momento histórico e é preciso ainda considerar sua relevância, nesse contexto e, em se tratando do lazer, implica considerar as condições materiais nas quais se pode situá-lo como necessário à vida humana.

A possibilidade aberta pelo elemento lúdico em relação à cultura seria a de concretizar, na prática, o ato de repensar e reconstruir a realidade. Nesse sentido, Gariglio (1995, p.30-31) defende a presença do lúdico permeando uma proposta de educação escolar que poderia tornar realidade “[...] a construção de um projeto revolucionário, pois daria aos sujeitos, neste contexto (alunos, professores, funcionários e pais), mesmo que esporádica e momentaneamente, oportunidade de reapropriação e posse de suas vidas, da sua história e de sua cultura”.

Dentro da escola, a vivência do lúdico representa um espaço de resistência e contradição à lógica do trabalho alienado. A Educação Física, nesse contexto, para além da assimilação dos valores alienantes de uma determinada cultura do lazer, seria um dos componentes curriculares responsáveis pela construção de uma lógica lúdica no interior da escola.

Alienação e termos relacionados (alienado, alienante) são referidos na produção acadêmica analisada em vários momentos. De modo geral, o significado atribuído ao termo é o de um processo no qual a ação do ser humano torna-se estranha e fora do seu controle, forçando-o a se transformar em algo que é diferente daquilo que ele é na realidade. Gariglio (1995) recorre a Marx acerca do processo de alienação do trabalhador no processo produtivo e Almeida Júnior (1997a, 1997b) lança mão do verbete de Pianciola (1995), no qual, citando Chiodi (1965), “alienação pode ser definida como o processo pelo qual alguém ou alguma coisa [...] é obrigado a se tornar outra coisa diferente daquilo que existe propriamente no seu ser”, sendo que a própria natureza, segundo Marx (1989), pode estar envolvida. Essa perda de consciência e transferência do controle de si mesmo para outrem ocorre no processo de alienação em duas frentes com relação ao trabalhador: na sua relação com a produção e na sua própria atividade produtiva.

¹⁹ Importa considerar aqui que uma determinação do tipo estaria intimamente atrelada e, de certo modo, articulada e condicionada à implementação de políticas públicas sociais nas diversas áreas e campos de atuação do Estado, notadamente aqueles relacionados à educação, à cultura e à assistência social.

A necessidade de contrapor uma *lógica lúdica* à lógica do trabalho alienado expressa por uma parte dos estudos que compõem a produção acadêmica nesse período indica outra necessidade: a de superar a oposição entre trabalho e lazer.

Marin (1995, 1996), ao pesquisar o cotidiano de trabalhadoras no meio rural, identifica o fato de que o trabalho não impede a vivência de atividades consideradas prazerosas e que integram o cotidiano da comunidade pesquisada por ela. O prazer das conversas, das visitas, dos momentos de folga, do ouvir rádio, entre outras atividades, mistura-se à realização do trabalho cotidiano.

Como desvincular o lúdico das demais esferas da vida? Para elas há continuidade entre o trabalho e a vida, entre a festa e a existência diária, entre os domingos e os dias que seguem, entre o sagrado e o profano, entre o familiar e o comunitário (Marin, 1996, p. 191).

Marin (1995, p. 70) apresenta ainda a possibilidade de exercício da autonomia no controle e na utilização do próprio tempo de trabalho e dos recursos de produção disponíveis e afirma que, “diferente dos operários que obedecem o tempo do patrão e o tempo sincronizado da máquina, esses colonos, por serem donos da terra, possuem autonomia para dirigir o processo de trabalho e organizarem-se no tempo”.

Nesse sentido, se é fato que a posse da terra permite essas condições, é também possível que relações solidárias na produção e na distribuição da riqueza, por exemplo, possam igualar as oportunidades em relação à maioria das pessoas.

O LAZER COMO MERCADORIA DE CONSUMO

O entendimento acerca do *lazer como mercadoria de consumo* parece situá-lo nos limites do consumismo, numa perspectiva a-crítica e funcional aos interesses de mercado. Isso não impede ou invalida o seu entendimento como parte de um contexto cultural, no qual poderia se constituir como possibilidade de consumo de forma crítica.

O caráter de mercadoria conferida ao lazer nas relações de consumo que se estabelecem no seio de suas práticas, o que se pode denominar, tal como aponta Mascarenhas (2005), de *mercolazer*, leva em conta a predominância mercantil nessa seara. Favorecido pela dinâmica da globalização da economia e pela mundialização da cultura, além de “ancorado nos modismos, o mercolazer, esvaziado de conteúdo socialmente útil, funda formas de diversão e entretenimento cada vez mais sintonizadas com o imediatismo”, conferindo máxima potência às “[...] sensações de prazer e excitação por elas produzidas, agora superconcentradas no escape fugaz aos paraísos artificiais, na euforia do consumo e no êxtase da aventura (Mascarenhas, 2005, p. 138).

O lazer como um espaço privilegiado na criação e na recriação das identidades individuais e coletivas aparece em algum momento, identificado nas ações e práticas de trabalhadores e trabalhadoras, mas isso não se estabelece, de fato, já que faltam elementos fundamentais para sua concretização na prática dos programas de lazer oferecidos ao trabalhador. As pessoas só se identificam nesse processo a partir do momento em que participam da sua construção, “[...] não apenas como consumidores de uma programação pré-elaborada, mas como elaboradores da política de lazer da qual são sujeitos” (Pacheco, 1992, p. 251). A sobrevivência do ser humano aqui, situa-se no limite de produzir sua própria existência, e ter seu trabalho estranhado e alheio de si.

[...] assim sendo, este “novo” trabalho continua gerando a mesma insatisfação e alienação intrínsecas do trabalho tradicional. [...] o lazer repete, nesta era de modernizações, os mesmos papéis que tinha desde o início até os meados [do sec. XX] (Inácio, 1999, p.743).

Pode-se entender que o lazer está situado num tempo em que são oferecidos determinados serviços/produtos que o trabalhador consome e incorpora aos seus valores e hábitos sociais, reforçando-se a ideia de certo “*capitalismo humanizado*”. Essa suposta nova versão do capitalismo traduz-se, em parte, nas práticas de oferta de serviços de lazer da parte da empresa a seus trabalhadores e trabalhadoras, o que “[...] acaba por aprofundar o seu alcance em outras esferas da vida dos indivíduos [...]” contribuindo para a suposta *nova (?) versão* do capitalismo, mais *humano*, no qual “o lazer é visto como um favor, como um presente oferecido pelas ‘boas empresas’ aos seus funcionários” (Padilha, 1995, p.68).

A tentativa de humanizar o capitalismo vem a calhar nas mãos dos proprietários dos meios de produção, o que lhes dá margem para mascarar as exclusões e as desigualdades sociais, a falta de distribuição de renda e a exploração do trabalho humano, entre outros *subprodutos* do modo de produção capitalista, enquanto oferecem migalhas — alguns poucos momentos/serviços de lazer — aos trabalhadores e trabalhadoras, o que permite posarem de comprometidos com o bem-estar da sua força de trabalho²⁰.

Ianni (1992), Santos, B. (1994) e Featherstone (1997) são três dos autores encontrados na produção acadêmica analisada e que se ocupam do debate em torno da ideia de globalização, além de Renato Ortiz (1994). Este, ao se debruçar sobre a questão, aponta para a utilização de *mundialização*, ao invés de globalização para tratar do que se refere ao universo da cultura.

“O espaço se globaliza, mas não é mundial como um todo, senão como metáfora. Todos os lugares são mundiais, mas não há espaço mundial. Quem se globaliza, mesmo, são as pessoas e os lugares” (Santos, M. 1996, p.31). Esse processo, ao fim e ao cabo de seus possíveis estágios de interação, implica altos graus de integração, dado que há a necessidade de uma coordenação conjunta, central. Talvez os algoritmos de hoje, a serviço da uniformização pasteurizada nas redes, aplicativos e demais artefatos tecnológicos consigam induzir esse movimento. No entanto,

[...] gente reunida é produtora de economia, criando conjuntamente economia e cultura. E sendo produtora de cultura, também é produtora de política. O país “de baixo” é uma fábrica de manifestações genuínas, representativas, autênticas. É aí que se encontra a riqueza da improvisação. Essas formas espontâneas, ou quase, tanto são alimentadas das tradições quanto das inovações (Santos, M. 2000, p. 33)

Essa lógica aponta para algo que apenas a ideia de globalização apontada não daria conta, levando em conta que se globalizam os ganhos financeiros, o domínio socioeconômico dos rentistas e seus lucros — para si, diga-se, não para investimentos sociais no crescimento dos vários países, pessoas e lugares — e amplia-se o poder e domínio (já *globalizado*, de fato) de

²⁰ Em Cotrim (2024) é possível encontrar uma análise bastante pertinente acerca de supostas propostas de humanização do capital, algo bastante falacioso do ponto de vista do que se manifesta na realidade em termos de agravamento da desigualdade social, do aumento desenfreado da concentração de renda, da destruição flagrante do meio ambiente ao longo de décadas de desprezo e descaso, para ficar apenas no debate acerca do clima e do aquecimento global. Concretamente, a autora centra sua análise na “[...] defesa da distribuição da riqueza por parte do economista francês [liberal] Thomas Piketty [2014], a proposta de valorização do ‘comum’ [pelos foucaultianos] Pierre Dardot e Christian Laval [2016, 2017], e a ‘renda de existência’ como solução indicada pelo filósofo oriundo do marxismo André Gorz [2003, 2005]. São autores que buscam fazer a crítica às consequências da fase atual do capitalismo sem alcançar a crítica à relação capitalista em si mesma” (Cotrim, 2024, p.2).

grandes corporações e conglomerados inter, supra e/ou multinacionais. Nesse cenário, globaliza-se e se amplia o poder e o lucro nas mãos desses atores e os prejuízos, a miséria e a falta de perspectiva entre pessoas e lugares são socializados, particularmente nos países periféricos, reféns da lógica de produção capitalista implementada²¹.

O que pode ser encontrado em Mészáros (2002, p.634-700) também ajuda nessa compreensão, quando discute e aponta para a *taxa de utilização decrescente do capitalismo* naquilo que estaria a orientar a produção nesse sistema, notadamente pela obsolescência planejada/programada do que se produz sob esse modo de produção, capitalista, expropriador das forças humanas de produção, e não só no trabalho. Mészáros (2002, p.661) nos diz que, “[...] enquanto a demanda efetiva do mesmo tipo de utilização é reproduzida com sucesso”, causando o frisson que normalmente se vê nos lançamentos de novos produtos e/ou artefatos, “[...] quanto menos uma dada mercadoria é realmente usada e reusada (em vez de rapidamente consumida, o que é perfeitamente aceitável para o sistema), melhor é do ponto de vista do capital,” pois é esse processo que irá tornar subutilizada essa mercadoria e permitir que se torne vendável outra peça desse mesma mercadoria (ou da peça mais atualizada em ciclos infinitos de utilização subutilizada). Da mesma forma em relação a trabalhadores e trabalhadoras, tomados em meras mercadorias detentoras da força de trabalho necessária à produção nesses termos e também eles e elas, se não usados até o bagaço (na alegoria da laranja) e descartados em seguida — já que se poderá *adquirir* outros(as), alegremente, no mercado sempre disposto a criar as demandas necessárias à sobrevivência destrutiva desse modo de produção. É o que há de ingenuidade e loucura em acreditar que seria possível *humanizar* isso tudo. De fato, *humanizado* está, não pela maioria da classe trabalhadora, mas pela minoria dos proprietários dos meios de produção, também humanos (?).

No âmbito da produção analisada encontramos a referência às *mercadorias lúdico-culturais*, algo que se faz presente como consumo pelas pessoas, o que se materializa por meio dos produtos ofertados pela indústria cultural²² (Almeida Júnior, 1998), reforçando os tentáculos do modo capitalista na existência condicionada do ser humano. Dentre essas *mercadorias*, destaca-se o esporte, na medida em que se internacionaliza e atinge a todas as pessoas no mundo inteiro, tornando-se um exemplo importante desse contexto.

A espetacularização do esporte, etapa que sucede a de esportivização do jogo, determina o apagamento do sentido lúdico que o caracterizava, enquanto atividade humana descomprometida, frívola e de fruição imediata, produzindo um lazer moderno, passivo, individualizante, consumível de forma subjetiva (Pires, G. 1997, p. 563).

Há um *mercado globalizado* que incorpora alguns dos valores do esporte a outros produtos que oferece, como os brinquedos eletrônicos, por exemplo. Esses valores estão relacionados ao que Elias (1992) vai denominar de *desportivização* (ou *esportivização* como utilizado aqui, pela produção), um processo no qual o que antes era jogo, divertimento, mero passatempo, brincadeira, brinquedo, vai sendo convertido em práticas, modalidades institucionalizadas do esporte. Isso desenvolve-se no seio da sociedade inglesa do séc. XIX, vendido em escala

²¹ Importa reforçar a crítica de Cotrim (2024), indicada na nota anterior.

²² Na indústria cultural, a cultura (ou os artefatos culturais produzidos a partir de uma determinada cultura) torna-se simples produto (ou produtos) de consumo, mera mercadoria direcionada ao entretenimento e à distração do sujeito. Compreende um sistema de produção em larga escala de bens culturais (música, arte, filmes) com tendência a homogeneizá-los e padronizá-los. Esgotado do trabalho no modo de produção capitalista em que vive, o trabalhador e a trabalhadora têm na *indústria cultural* a contribuição para a uniformização do seu pensamento e das práticas e vivências que experimentam, algo que leva à alienação, não só de seu trabalho, mas também da sua capacidade de pensamento crítico e criativo. (Horkheimer; Adorno, 2002, p. 175).

global como estágio civilizatório mais avançado. Para além dos brinquedos eletrônicos, esportivizados na camisa de força de determinados limites e regras *civilizados*, e mesmo quando utilizados como brinquedos, de fato, dentro da lógica de utilização que *pede mais* na próxima versão a ser lançada — com sua própria *taxa de utilização decrescente do capitalismo* —, parte significativa desse processo pode ser acompanhada na substancial mudança nas aulas de Educação Física e mesmo na escola de modo geral.

Em Feres Neto (1996), a *esportivização* dos brinquedos, no contexto do jogo, é exemplo do processo de *esportivização do mundo*, que corresponde, para ele, ao que chama *industrialização do esporte*, no bojo do processo de industrialização e urbanização iniciado no século XVIII²³. Nessas condições, a noção do esporte como “um mundo à parte”, sem vínculo com o contexto no qual se insere, modifica-se com as relações mais estreitas, estabelecidas a partir da década de 1960, entre o fenômeno esportivo e outras esferas da vida humana, notadamente a política e a economia (Bracht, 1989, p.5). No desenvolvimento e na ascensão do esporte — ainda hoje se defende, na falação esportiva,²⁴ que esporte e política não se misturam —, ele paira como algo que seria isento das questões mundanas de justiça social, das conquistas humanas no variados campos do desenvolvimento científico-tecnológico, das lutas de classes.

Recorrendo ainda ao esporte, pode-se perceber o grande volume de produtos diversos e de publicidade desses mesmos produtos, vinculados a eles ou não, vendido durante quaisquer grandes (pequenos e/ou médios) eventos esportivos ao redor do planeta, por exemplo: “[...] o público, antes consumidor do espetáculo esportivo, passa a ser consumidor também dos produtos que o ídolo e o esporte vendem (indústria de esporte)” (Finck, 1993, p.43). Esses produtos constituem um leque de opções oferecido por indução ao espectador/consumidor por meio de anúncios publicitários que utilizam imagens vinculadas aos atletas, eles mesmos produtos a serem vendidos. Dessa forma, o esporte como um espetáculo pode ser considerado um tipo de lazer que se apresenta “[...] como um produto específico do processo de industrialização e que sob muitos aspectos, está intimamente atado ao trabalho” (Pires, E. 1997, p. 984).

Em Bruhns (1999) é possível encontrar algumas das reflexões acerca da veiculação das imagens do corpo humano em meio a uma competição de mercados. A associação do corpo a produtos variados dá a medida exata da importância conferida às imagens que são veiculadas a cada momento e que substituem e/ou inviabilizam, uma após outra e na criação de novas demandas de consumo, a que foi *vendida* anteriormente. Visualiza-se nessa seara de arena de consumo, pelo menos duas tendências: a da moda para mercados de massa, opondo-se (ou emulando?) mercados de elite, e a de passagem do mercado de consumo de bens ao de consumo de serviços de variadas naturezas, desde o mercado de oferta na área da saúde, no campo das diversões, divertimentos e eventos, passando pelo de produtos pessoais e outros serviços relacionados ao comércio em geral. A persistência de certo empobrecimento na sociedade capitalista resultaria da falta de capacidade para adiar algumas facilidades e prazeres, na explicação de alguns críticos, tomando flagrante sua ingenuidade diante do fato de que o financiamento dessas facilidades e prazeres é parte das principais

²³ As transformações *civilizatórias* em Elias (1992) estariam atreladas a esse processo e Feres Neto (1996) lança mão de nominar como *industrialização* do esporte algo a reboque da *indústria cultural*.

²⁴ Cf. Eco (1984), particularmente *A falação esportiva* e *O mundial e suas pompas*, nos quais Umberto Eco se refere ao futebol. Na obra, explicitando a necessidade humana de jogar, considera que não se pode (e não se deve) renunciar a certo *desperdício lúdico*, materializado no *desperdício de energia* manifesto no gesto esportivo, já que essa possível prática lúdica significaria ficar livre da tirania do trabalho, indispensável na construção da vida humana.

formas de sustentação do crescimento econômico na forma capitalista (Harvey, 1993, p. 188, 258).

É justamente nessa sociedade capitalista, na qual os níveis de pobreza aumentam e tendem à miséria, que o lazer, na condição de produto de consumo, de *mercolazer* e meio de alienação e conformismo, assume ares, ora de oposição, ora de compensação do trabalho. Pode-se dizer que a ideia veiculada aponta para a noção, nem sempre acessível, da recompensa *pós vida produtiva*, na aposentadoria, p. ex.: depois de “[...] várias décadas voltadas exclusivamente para o trabalho e para a escalada profissional, as pessoas estão concluindo que ‘viver bem’ [...] alcança mais do que uma busca obsessiva pelo sucesso profissional” (Gomes [Werneck], 1998, p. 50-51). O “viver bem” constitui a justificativa necessária para a comercialização dos produtos de lazer, sem a qualificação incômoda de *ociosidade improdutiva*. Integrando-se à lógica da formação social capitalista na forma de recursos utilizados na recuperação do trabalho estafante e/ou na construção de um padrão de qualidade de vida, para o qual é preciso ter um determinado nível sócio-econômico, o lazer torna-se uma mercadoria de grande valor.

Essa perspectiva de consumo do lazer é referenciada na identificação do predomínio de uma abordagem do lazer em oposição ao trabalho, tanto na produção acadêmica quanto no senso comum. O lazer é entendido, ora como compensação, ora como complemento em relação ao trabalho, ora como as duas coisas ao mesmo tempo, e trabalhadores e trabalhadoras foram e continuam sendo cooptados de forma a conformá-los na aceitação inalterada das bases sob as quais se assentam as sociedades capitalistas. Mesmo nas raras fases em que se atinge algum “Estado de bem-estar social” são levados a acreditar que suas necessidades seriam satisfeitas no tempo de trabalho poderiam ser atendidas no tempo de lazer e “[...] com a evolução das técnicas de produção caminhar-se-ia rumo a uma ‘civilização do lazer’.” É neste contexto que a teoria do lazer elaborada por Dumazedier (1973) aparece como hegemônica no meio acadêmico, “[...] justamente aquela que o concebe como atividade realizada após o cumprimento das obrigações profissionais, familiares, sociais e religiosas. [As representações] de trabalho e de lazer [idealizadas] nas origens do capitalismo [acabam] por se concretizar (Veronez, 1995, p. 79).

Em Padilha (2006b), n’A *Dialética do lazer*,²⁵ materializa-se a possibilidade de “[...] pensar o lazer na contramão [dessa] corrente dominante do que se convencionou chamar, não ocasionalmente, de funcionalismo (que tem Dumazedier e seus seguidores como principais expoentes)”, no qual a sociedade mostra-se como harmonicamente organizada, e se procura mantê-la assim a todo custo, e cada parte contribui “com suas devidas funções, para seu equilíbrio”. Prevalece ali o consenso, os valores são os da sociedade tradicional, da nostalgia de um passado sempre lembrado como referência do que era bom “[...] e o lazer é visto como ‘válvula de escape’ que tem funções poderosas, favorecendo a saúde física e mental.” Recupera-se o que se perdeu no trabalho e demais atividades de forma que se possa manter o equilíbrio “[...] do sistema de produção necessário ao progresso das sociedades” e aqui, de forma geral, o trabalho aparece carregado de negatividade e o lado positivo da *parada* — como se diz nas quebradas, nas férias, onde de fato a vida se constrói — seria o lazer (?). Em contraposição a esse estado de coisas quase sufocante da produção da existência humana, o que se apresenta são estudos nos quais são consideradas formações sociais “[...] por classes distintas, cujas condições materiais de existência determinam a existência, assim como a forma de lazer de cada classe.” Aqui, ressalte-se, “[...] nem todo trabalho é ‘ruim’, nem todo lazer é ‘bom’, ou seja, se na sociedade capitalista o trabalho aliena, e se o lazer é fruto

²⁵ Cf. Padilha (2006a), onde publicam-se estudos cujas abordagens teórico-metodológicas permitem análise de forma mais crítica e ampliada do que a simples conformação social vigente.

desta mesma sociedade, o lazer também pode alienar”. E ele não é o mesmo para todo mundo, haja vista que na sociedade capitalista na qual sobrevivemos “[...] tudo é potencialmente transformado em mercadoria” (Padilha, 2006b, p. 10-12).

O LAZER NA PERSPECTIVA DO TEMPO DE NÃO-TRABALHO

O que se discute com maior frequência no período 1989-1999, é o lazer em relação a um determinado tempo: o tempo de *não-trabalho*, aí incluídos tanto o *tempo livre* como o *tempo disponível*, de não obrigação, o que caracteriza um âmbito oposto ao tempo de trabalho produtivo²⁶.

Trata-se de considerar aqui a inculpação de uma lógica na qual as ações humanas lúdicas e brincastes prejudicam o *negócio* do acúmulo de mais riqueza (para proprietários e proprietárias dos meios de produção) com base no filão da força de trabalho explorada pelo capital. A inconsequência, a fugacidade e a irresponsabilidade da ideia de lúdico que predomina na linha de produção — exploradora do trabalho infantil, por exemplo —, e que é incorporada pelos próprios trabalhadores e trabalhadoras, alinha-se à ideia moralizante de que é o trabalho a dignificar as ações humanas, não o contrário (Silva, M. 1999, p.59-60).

O contexto no qual isso ocorre, aponta para o fato de que o modo de produção capitalista em que vivemos absorve determinado *tempo livre*, que seria, em parte, destinado ao lazer, e o retorna como forma de compensar o trabalho, de ajudar na recuperação da força de trabalho humana e/ou no aumento da sua eficiência produtiva, além de possibilitar o consumo de bens e serviços, incluindo o próprio lazer. Isso implica naquela mesma lógica moralizante, na qual, ao mesmo tempo em que se opõe ao trabalho, no embate negativo/positivo, o lazer é incorporado a ele. Essa característica invade todos os momentos da vida do trabalhador, já que o seu tempo de lazer seria concentrado a partir do momento em que não existem mais obrigações de trabalho a serem cumpridas. Nesse modo de produção exige-se um trabalhador eficiente e concentrado na eficiência e no aumento da produtividade, sem tempo para outras atividades, consideradas de menor importância.

O lazer seria a vivência cultural despreocupada, sem objetivos maiores que não sejam aqueles ligados à satisfação pessoal, algo bastante arriscado diante do compromisso com a produção, com a produtividade extremada. Na condição de passatempo, como *tempo livre*, portanto, a perspectiva é a de estar atrelado às possibilidades do setor produtivo e da construção social pelo trabalho.

Seria a economia “[...] a variável explicativa determinante para as extensas jornadas de trabalho, para a exploração do trabalho dos menores e para justificar a oposição patronal à lei de férias,” por exemplo. A duração do tempo de trabalho em jornadas tão longas quanto o embate de trabalhadores e trabalhadoras e proprietários e proprietárias dos meios de produção permitisse a esses últimos impor, ia (ou vai) além do aspecto econômico, “[...] sobretudo se se levar em conta as dimensões do desemprego nas mais diversas partes do mundo e a liberação do trabalho humano direto possibilitada pela cada vez maior automatização da produção industrial.” Há que se considerar a perspectiva de que essa duração estaria relacionada a uma bem assentada necessidade de *autopreservação civilizatória* “[...] que, por ser fundada no trabalho, impõe que esta seja a única razão da existência das pessoas e que ocupe a maior parte do tempo de suas vidas” (Silva, J. 1996, p.47-48). Embora isso possa ser o que, de certo modo, é materializado nos discursos e na própria condução da vida das pessoas, trabalhadores, trabalhadoras, patrões e/ou políticos (Silva, J. 1996), o que se pode dizer acerca desse *tempo de não-trabalho* no qual se está a localizar o lazer é que seu significado em

²⁶ Cf. Thompson (1991), estudo mais citado na produção analisada acerca da discussão do tempo.

oposição ao trabalho, tal como no caso da economia em relação ao tempo de trabalho, não implica apenas em oposição pura e simples como variante e/ou fator de influência na produtividade.

Um *tempo de lazer* mais emancipado, no entanto, esbarra nas limitações da ordem social vigente, nas quais se encontram as explicações para os limites e as barreiras de acesso ao lazer ou para a sua simples ausência. Os brinquedos, os passeios, as viagens, os espetáculos e bens culturais têm um determinado custo econômico que restringe o acesso a eles. Essas *benesses do lazer* seriam tanto mais usufruto quanto maior “[...] a participação no sistema produtivo,” o que permite, por outro lado, averiguar a quantas anda a cidadania de determinado grupo social, conhecendo-se as condições de sua participação em atividades de lazer (Santin, 1997, p. 47).

Sob essa lógica, o direito à cidadania plena está longe de chegar à formação social brasileira e a exclusão e a marginalidade em relação também a outras áreas como saúde, habitação, educação, alimentação e participação política colaboram para aumentar essa distância. “[...] exploração, intolerância e exclusão são encobertas sob o nome de proteção ao mercado de trabalho, lei de mercado e ‘interesse maior da sociedade’” (Bitencourt, 1997, p. 553), e a responsabilidade acerca dos fracassos é colocada sobre os ombros de trabalhadores e trabalhadoras.

Pode-se pensar em um lazer, assim como um trabalho, “alienado” nesse contexto. Pondera-se aqui, por exemplo, acerca de algumas considerações sobre o desenvolvimento industrial e as modificações no modelo de produção ligadas ao caráter de alienação nas ações do trabalhador, no interior das quais “[...] as relações de produção se modificariam, sendo a nova tônica caracterizada pelos princípios do modelo de produção capitalista.” É essa a lógica na qual os trabalhadores, cada vez mais, vão perdendo “[...] o controle sobre as formas de produção, sobre o que produzir, onde produzir e muitas vezes são privados do consumo do que produziriam”. Se a imposição de uma nova organização das instituições para *adaptação* de trabalhadores e trabalhadoras à nova forma de exploração emergente abarca a escola como reprodutora, sob múltiplos aspectos, das práticas sociais do universo produtivo e da divisão do trabalho (Gariglio, 1995, p. 27-28), pode-se projetar como seria do ponto de vista dos meios de produção.

O advento da maquinaria colocou o trabalho e o lazer em campos distintos no contexto da sociedade urbano-industrial e, “com a industrialização, o tempo tornou-se sistematizado, em função da produtividade e restrito à lógica do capital”. Com isso, “trabalho e lazer passaram a ser conceituados como possíveis momentos – ‘tempos’ – antagônicos. Tanto a disciplina do trabalho, quanto a do tempo livre, passaram, aos poucos, a ser comandadas pelo ritmo das máquinas (Valente, 1997, p.319).

Na produção analisada, registra-se que o controle dos tempos de trabalho e de lazer passa a ser delineado, de forma mais efetiva, a partir da Revolução Industrial, no modo de produção capitalista. Isso aparece em Valente (1997) e confirma o que Veronez (1995) vinha discutindo acerca do controle do tempo, tanto no trabalho quanto no lazer, como um processo irreversível, o que acontece em função da racionalização do tempo de (no) trabalho, cujo ritmo é intensificado cientificamente.

A passagem, de um modo de vida pré-industrial para outro, nos marcos da revolução industrial, da potencialização do trabalho, no que diz respeito à sua exploração, a partir da qual o controle do tempo e a divisão de espaços acontecem em função do ritmo industrial da máquina, estabelece outra lógica produtiva, cuja compreensão é importante para entender o surgimento do lazer.

Os diferentes significados conferidos ao tempo de *não-trabalho*, considerados no âmbito do *tempo livre*, no qual estaria situado o lazer aparecem por meio de expressões variadas na produção acadêmica analisada, além dessas duas: tempo fora do trabalho, tempo fora do emprego, tempo livre do trabalho, tempo disponível.

Nessa direção, é a lógica do trabalho que orienta a vida, mas não um trabalho qualquer. É o trabalho do mundo globalizado e capitalista dos negócios que comanda e orienta certo *tempo livre* “[...] que deixa de ser livre e passa a ser uma falácia — só existindo, possivelmente enquanto tempo disponível e, mais uma vez, não se identificando com o tempo de lazer,” sendo, por outro lado, tempo e espaço alienados, alienantes e instrumentalizados, cujos exemplos estariam na indústria dos lazerses, do esporte e do turismo (Valente, 1997, p. 323). Nesse contexto, a exploração do trabalho humano colabora para o estabelecimento de uma relação, na qual o trabalhador fica subordinado à criação de demandas de mercado na utilização do seu tempo, seja ele de trabalho, de lazer, *tempo obrigatório*, *tempo imposto* e/ou quaisquer denominações que se possa atribuir e pode-se até supor que “a diminuição da jornada de trabalho e, por conseguinte, o aumento de tempo disponível, está fortalecendo e fazendo crescer a indústria do lazer e do turismo no seio da classe média e da classe trabalhadora média-baixa” (Palafox, 1997, p.806). Ocorre que o materializado na realidade que vivemos e enfrentamos não leva em conta, ou não tem como algo a ser alcançado de fato, a possibilidade de que se possa sustentar uma realidade do tipo para além dessas supostas *classe média* e *classe trabalhadora média-baixa*, seja lá o que isso signifique diante da exploração do trabalho e da vida humanos.

É, no entanto, a partir exatamente da centralidade do trabalho humano que se dá a discussão e a mediação em si mesma das relações sociais, que envolvem também, mas não só, o lazer nas explicações e propostas de desenvolvimento societário, seja ele capitalista ou não.

Um dos fenômenos de grande impacto nas formas de vivência e sobrevivência do ser social no século XX diz respeito às transformações do trabalho geradas pelas novas tecnologias da produção e organização capitalista. A sociedade dos serviços ou do “fim do trabalho” empolga-se em abordar as questões do lazer e das possibilidades de emancipação humana do e pelo “tempo livre” [...] É no interior da categoria trabalho, entretanto, que reside o aprofundamento da questão” (Sadi, 1999, p.747).

A proposição do trabalho como categoria central de mediação é acompanhada pela discussão do *tempo livre* e das várias formas de ocupá-lo. O lazer constitui uma delas e se situa num contexto de coisificação do tempo, no qual é vivenciado sob a lógica do trabalho produtivo. A conquista da autonomia no uso do *tempo livre*, aqui, parece situar-se no âmbito do confronto entre classes sociais distintas, no qual os trabalhadores lutam por uma transformação histórica na lógica de uso desse tempo.

INTER-RELAÇÕES NAS ABORDAGENS DO LAZER: A GUIA DE ENCERRAMENTO

Nas abordagens do lazer encontradas pode-se perceber a intenção de que o elemento lúdico, particularmente presente nas atividades e manifestações de lazer, se torne um contraponto à lógica do trabalho alienado, em função das suas possibilidades revolucionárias na construção de formas de vida mais criativas, porquanto inseridas no contexto das ações críticas permitidas pela atitude lúdica do ser humano.

Em se tratando de lazer, são produzidas as várias formas de mercadorias nas quais ele vai se constituindo, com os programas de lazer para trabalhadores e trabalhadoras oferecidos por empresas (Pacheco, 1992), as alternativas e possibilidades proporcionadas pela indústria cultural em relação às mercadorias lúdico-culturais (Almeida Júnior, 1998), os sedutores produtos multifacetados relacionados/derivados do esporte e das preferências de esportistas

(Finck, 1993; Pires, G. 1997), em meio a promessas de acesso a produtos, objetos, bens de consumo e utensílios que *jogam* com o imaginário humano (Feres Neto, 1997; Pires, E. 1997). Nessa seara, pode-se reforçar a menção ao brinquedo eletrônico, diante do qual a criança (ou o adulto brincante) se coloca de forma passiva, com a justificativa de interatividade diante da mediação de um dispositivo — o brinquedo eletrônico, propriamente dito.

O trabalho que se discute nos estudos da produção considerada, o é de forma mais generalizada, não ficando claro uma abordagem da categoria em si, mas procurando caracterizá-lo no seio da formação social capitalista em que vivemos. É abordado a partir das perspectivas de Marx (1989, 1999) n'*O capital*, especialmente n'*A maquinaria e a indústria moderna*, em Feres Neto (1996, 1997), Sadi (1999), Silva, M. (1997a, 1997b, 1999) e Valente (1997); de passagem, como a *categoria sociológica chave* (Offe, 1995), em Almeida Júnior (1997a); ou como a “nova cultura” do trabalho e seus impactos com os avanços tecnológicos e as exigências de multifuncionalidade em Silva, P. (1997); traduzindo no geral, o que seria esse trabalho fragmentado, alienado do trabalhador, mas não delimitado, de fato, como categoria discutida no interior da produção que aponta para o lazer em oposição, exatamente, ao trabalho.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA JÚNIOR, Admir Soares. Lazer e cultura em tempos de globalização: inclusões, exclusões e sincretismos. *In: IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer (Enarel)*, 1997, Belo Horizonte. **Coletânea...** A diversidade cultural no lazer. Belo Horizonte: CELAR/EEF/UFMG, 1997a. p.609-616.
- ALMEIDA JÚNIOR, Admir Soares. Lazer no Brasil urbano contemporâneo: influência da globalização. *In: X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace)*, 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE/Potência, 1997b. v.2, p.996-1004.
- ALMEIDA JÚNIOR, Admir Soares. Políticas públicas de lazer em tempos de globalização. *In: V Congresso Mundial do Lazer*, 1998. **CD-ROM Apresentação...** São Paulo: SESC, 1998.
- BITENCOURT, Fernando Gonçalves. Esporte globalizado e cultura de consumo. *In: X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace)*, 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE/Potência, 1997. v.1, p.552-558.
- BOBBIO, Norberto. **A era dos direitos**. Rio de Janeiro: Campus, 1992.
- BOSI, Alfredo. **Dialética da colonização**. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.
- BRACHT, Válder. Esporte e poder. *In: VI Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace)*, 1989, Brasília. **Anais...** Brasília: CBCE, 1989.
- BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer, cultura e tecnologia: discussões envolvendo aspectos da globalização. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.77-94, set.1998a.
- BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer e tempo: buscando compreensões no processo de globalização. **Licere**, Belo Horizonte, v.2, n.1, p.91-104, 1999.
- BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer e tempo. *In: Congresso Mundial do Lazer*, 5, 1998, São Paulo. **CD-ROM Apresentação...** São Paulo: SESC, 1998b. (Sem paginação).
- BRUHNS, Heloisa Turini. Lazer, trabalho e tempo: uma discussão a partir de Thompson e De Grazia. *In: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*, 1996. **Coletânea...** Belo Horizonte: EEF/UFMG, 1996. p.362-369.
- BRUHNS, Heloisa Turini. Reflexões sobre o conhecimento do lazer na perspectiva da dinâmica cultural. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Anais do VII Conbrace, CBCE/UFU, Uberlândia, v.13, n.1, p.61-68, 1991.
- BRUHNS, Heloisa Turini. Sobre o ideal clássico de ócio e o lazer contemporâneo. *In: V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física*, 1997. **Coletânea...** Maceió: ETFAL/UNIJUÍ, 1997. p.24-31.
- CHIODI, Pietro. **Sartre e il marxismo**. Milão: Feltrinelli, 1965.
- COTRIM, Vera Aguiar. Utopias de humanização do capitalismo: a crise da intelectualidade crítica. **Sociohistórica**, n.52, e207, p.1-13, sep.2023/feb.2024. Disponível em: <https://doi.org/10.24215/18521606e207>. Acesso em ago.2024.

- DUMAZEDIER, Joffre. **Lazer e cultura popular**. São Paulo: Perspectiva, 1973.
- ECO, Umberto. **Viagem na irreabilidade cotidiana**, Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 1984.
- ELIAS, Norbert. A gênese do desporto: um problema sociológico. In: ELIAS, Norbert. **A busca da excitação**. Trad. Maria Manuela Almeida e Silva. Lisboa: Difel, 1992. p. 187-221.
- FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura**. Globalização, pós-modernismo e identidade. São Paulo: Studio Nobel/Sesc, 1997.
- FERES NETO, Alfredo. A esportivização do mundo e/ou a industrialização do esporte. **Motrivência**. O jogo e o brinquedo na educação física, NEPEF/UFSC, Florianópolis, v.8, n.9, p.109-117, 1996.
- FERES NETO, Alfredo. Fundamentos teórico-metodológicos para o estudo da mediação da experiência lúdica pela tecnologia. In: X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE/Potência, 1997. v.1, p.522-528.
- FERREIRA, Acácio. **O lazer operário**: um estudo sobre a organização social das cidades. Salvador: Livraria Progresso Editora, 1958.
- FINCK, Silvia Christina Madrid. Algumas reflexões sobre o ritmo dos movimentos do homem. In: I Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1993, Campinas. **Coletânea...** Campinas: FEF/UNICAMP, 1993. p.40-46.
- FINOCCHIO, José Luiz. O trabalho e o tempo livre: libertação e humanização. In: I Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1993, Campinas. **Coletânea...** Campinas: FEF/UNICAMP, 1993. p.60-65.
- FRIGOTTO, Gaudêncio. O enfoque da dialética materialista histórica na pesquisa educacional. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.69-90.
- GAMBOA, Silvio Ancízar Sanchez. A dialética na pesquisa em educação. In: FAZENDA, Ivani (Org.). **Metodologia da pesquisa educacional**. 8 ed. São Paulo: Cortez, 2002. p.91-115.
- GARIGLIO, José Ângelo. A ludicidade no “jogo” de relações trabalho/escola. **Movimento**, UFRGS/Porto Alegre, v.2, n.3, p.27-33, ago.1995.
- GOMES [WERNECK], Christianne Luce. Lazer e formação profissional na sociedade atual. **Licere**, Belo Horizonte, v.1, n.1, p.47-65, set.1998.
- GROHMANN, Rafael (Org.). **Laboratórios do trabalho digital**. São Paulo: Boitempo, 2021.
- GUIMARÃES, Ailton Vitor. **Abordagens do lazer e suas inter-relações com o trabalho e a tecnologia na produção acadêmica brasileira na área do lazer**. 2001. 171 p. Dissertação (Mestrado em Tecnologia). Departamento de Pesquisa e Pós-graduação. Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais. Belo Horizonte, 2001.
- HARVEY, David. **Condição pós-moderna**. São Paulo: Loyola, 1993.
- HORKHEIMER, Max; ADORNO, Theodor Ludwig Wiesengrund. A indústria cultural: o iluminismo como mistificação de massas. In: ADORNO, Theodor (Org.). **Teoria da cultura de massa**. São Paulo: Paz e Terra, 2002. p.169-214
- HUIZINGA, Johann. **Homo ludens**. 2 ed. São Paulo: Perspectiva, 1980
- IANNI, Octavio. **Sociedade global**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1992.
- INACIO, Humberto Luís de Deus. Esporte: conteúdo dominante no lazer do trabalhador. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Anais do XI Conbrace, CBCE/NEPEF/UFSC, Florianópolis, v.21, n.1, p.741-747, 1999.
- LEFEBVRE, Henri. **A vida cotidiana no mundo moderno**. São Paulo: Ática, 1991.
- MARCASSA, Luciana Pedrosa. **A invenção do lazer**: educação, cultura e tempo livre na cidade de São Paulo (1888 - 1935). 2002. 204 f. Dissertação (Mestrado em Educação Brasileira). Faculdade de Educação. Universidade Federal de Goiás. Goiânia, 2002. Disponível em: <http://bit.ly/2Jffzn5>. Acesso em ago.2024.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Lazer e educação**. 3 ed. Campinas: Papirus, 1995.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho. **Pedagogia da animação**. 2 ed. Campinas: Papirus, 1997.
- MARCELLINO, Nelson Carvalho; ISAYAMA, Hélder (Orgs.). **Enarel**: 25 anos de história. Campinas: Autores Associados, 2014. Disponível em: <https://tinyurl.com/enarel-25>. Acesso em mar.2024

MARIN, Elizara Carolina. Lúdico: semente a fertilizar. **Motrivivência**. O jogo e o brinquedo na educação física, NEPEF/UFSC, Florianópolis, v.8, n.9, p.186-193, dez.1996.

MARIN, Elizara Carolina. O lazer e a noção de tempo no contexto rural. *In*: III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1995, Curitiba. **Coletânea...** Curitiba: DEF/UFPR, 1995. p.69-80.

MARX, Karl. A maquinaria e a indústria moderna. *In*: MARX, Karl. **O capital**; crítica da economia política. 17.ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1999. p.425-571. (Livro I, v.1).

MARX, Karl. O trabalho alienado. *In*: FERNANDES, Florestan (Org.). **Marx e Engels**. São Paulo: Ática, 1989. p.146-164.

MASCARENHAS, Fernando. **Entre o ócio e o negócio**: teses acerca da anatomia do lazer, 2005. 308 f. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação Física, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2005.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo/Campinas: Boitempo, EdUnicamp, 2022.

OFFE, Claus. **Capitalismo desorganizado**: transformações contemporâneas do trabalho e da política São Paulo: Editora Brasiliense, 1995.

OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. Na teoria da dialética materialista. *In*: OLIVEIRA, Maria Rita Neto Sales. **A reconstrução da didática**. Elementos teórico-metodológicos. 3.ed. Campinas: Papirus, 2000. p.37-53.

OLIVEIRA, Paulo de Salles. **Brinquedo e indústria cultural**. Petrópolis: Vozes, 1986.

ORTIZ, Renato. **Mundialização e Cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

PACHECO, Reinaldo Tadeu Boscolo. O lazer nas empresas: onde está o trabalhador? **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**, FEF/UNICAMP, Campinas, v.12, n.(1,2,3), p.249-260, 1992.

PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006a.

PADILHA, Valquíria. Introdução. *In*: PADILHA, Valquíria (Org.). **Dialética do lazer**. São Paulo: Cortez, 2006b. p.9-18

PADILHA, Valquíria. **Tempo livre e racionalidade econômica**. Campinas: UNICAMP, 1995.

PALAFOX, Gabriel H. M. Capitalismo tardio e globalização... *In*: X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE/Potência, 1997. v.2, p.802-807.

PIANCIOLA, Cesare. Alienação. *In*: BOBBIO, Norberto; MATTEUCCI, Nicola; PASQUINO, Gianfranco. **Dicionário de política**. 7 ed. Brasília: EdUnB, 1995. p.20-23.

PIKETTY, Thomas. **O capital no século XXI**. Rio de Janeiro: Intrínseca, 2014. Versão digital.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. A Construção da Interdisciplinaridade no Lazer: Experiência Política da Prefeitura Municipal de Belo Horizonte – M.G. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (org.). **Políticas públicas setoriais de lazer**: o papel das prefeituras. Campinas: Autores Associados, 1996. p.61-70. (Coleção educação física e esportes).

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. A diversidade cultural no lazer. *In*: IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer (Enarel), 1997, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte: CELAR/EEF/UFMG, 1997. p.21-37.

PINTO, Leila Mirtes Santos de Magalhães. **A recreação/lazer e a educação física**: a manobra da autenticidade do jogo. Campinas: FEF/UNICAMP, 1992. (Dissertação de Mestrado).

PIRES, Edmilson. Atividade física, lazer e qualidade de vida. *In*: X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), 1997, Goiânia. **Anais...** Renovações, modismos e interesses. Goiânia: CBCE/Potência, 1997. v.2, p.984-991.

PIRES, Giovani de Lorenzi. Globalização, cultura esportiva e educação física... *In*: X Congresso Brasileiro de Ciências do Esporte (Conbrace), 1997, Goiânia. **Anais...** Goiânia: CBCE/Potência, 1997. v.1, p.559-567.

ROSA, Maria Cristina. A festa como possibilidade de lazer: a visão de Sebastian de Grazia. *In*: IV Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1996, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte: EEF/UFMG, 1996. p.375-380.

SADI, Renato Sampaio. Educação física e lazer: a centralidade do trabalho. **Revista Brasileira de Ciências do Esporte**. Anais XI Conbrace, CBCE/UFSC, Florianópolis, v.21, n.1, p.747-753, 1999.

SANT'ANNA, Denise Bemuzzi de. **O prazer justificado**: história e lazer (São Paulo 1969-1979). São Paulo: Marco Zero, 1994.

- SANTIN, Silvino. Diversidade cultural no lazer: exclusões e marginalidades. *In*: IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer (Enarel), 1997, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997. p.38-50.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. **Pelas mãos de Alice**. Porto: Afrontamento, 1994.
- SANTOS, Milton. Lazer popular e geração de empregos. *In*: Sesc/MLRA. **Lazer numa sociedade globalizada/Leisure in a globalized society**. São Paulo: Sesc/MLRA, 2000. p. 31-37.
- SANTOS, Milton. **Técnica, espaço, tempo**. Globalização e meio técnico-científico informacional. 2 ed. São Paulo: Hucitec, 1996.
- SILVA, Josué Pereira da. **Três discursos, uma sentença**: tempo e trabalho em São Paulo - 1906/1932. São Paulo: AnnaBlume/Fapesp, 1996.
- SILVA, Maurício Roberto. O direito de sonhar das crianças carentes de infância: trabalho ou lazer? *In*: IX Encontro Nacional de Recreação e Lazer (Enarel), 1997, Belo Horizonte. **Coletânea...** Belo Horizonte: UFMG/EEF/CELAR, 1997a. p.94-103.
- SILVA, Maurício Roberto. Trabalho e lazer... *In*: SOUSA, Eustáquia Salvadora de; VAGO, Tarcísio Mauro (Org.). **Trilhas e partilhas**. Belo Horizonte: Cultura, 1997b. p.341-367.
- SILVA, Maurício Roberto. Sonhos de criança: trabalho ou lazer. *In*: MARCELLINO, Nelson Carvalho (Org.). **Lúdico, educação e educação física**. Ijuí: UNIJUÍ, 1999. p.49-71.
- SILVA, Paulo da Trindade. Globalização: a nova cultura do trabalho e seus impactos na educação física. **Motrivivência**, NEPEF/UFSC, Florianópolis, v.9, n.10, p.121-141, dez.1997.
- SOARES, Magda Becker. Em busca do conhecimento em construção e da construção do conhecimento. *In*: SOARES, Magda Becker. **Alfabetização no Brasil**: o estado do conhecimento. Brasília: INEP, 1989. p.03-14.
- SUSSEKIND, Arnaldo; MARINHO, Inezil Penna; GÓES, Oswaldo. **Manual de recreação**: orientação dos lazeres do trabalhador. Rio de Janeiro: Ministério do Trabalho, Indústria e Comércio - Serviço de Recreação e Assistência Cultural, 1952.
- THOMPSON, E. P. O tempo, a disciplina do trabalho e o capitalismo industrial. *In*: SILVA, Tomaz Tadeu da (Org.). **Trabalho, educação e prática social**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1991. p.44-93.
- VALENTE, Edison Francisco. Lazer: tempo e espaço sociais. *In*: V Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1997, Maceió. **Coletânea...** Maceió: ETFAL/UNIJUÍ, 1997. p.316-323.
- VERONEZ, Luiz Fernando Camargo. Autonomia e heteronomia no controle do tempo: a gênese do tempo de lazer. *In*: III Encontro Nacional de História do Esporte, Lazer e Educação Física, 1995, Curitiba. **Coletânea...** Curitiba: DEF/UFPR, 1995. p.73-80.
- VIEIRA PINTO, Álvaro. **Ciência e existência**. Problemas filosóficos da pesquisa científica. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1969.
- WILLIAMS, Raymond. **Cultura e sociedade**: de Coleridge a Orwell. Petrópolis: Vozes, 2011.

Data da submissão: 02/12/2024

Data da aprovação: 25/02/2025